

A CRIAÇÃO DE UM MONSTRO: QUESTÕES ECONÔMICAS E POLÍTICAS NA ORIGEM DO BOKO HARAM

VIESBA PINI INÁCIO, Tiago ¹

TRAUMANN, Andrew Patrick ²

Resumo: O Boko Haram é um dos vários grupos fundamentalista islâmico presentes no continente africano, mas recebe destaque pela quantidade de mortes que causou a população da Nigéria e dos países vizinhos. Com sua formação, alterou de modo significativo a geopolítica da região, sendo considerado o grupo terrorista mais sanguinário atualmente. Sua aparição e desenvolvimento remetem ao contexto de formação do estado nigeriano e da consolidação do islã na região do Sahel, dessa forma, para se entender o funcionamento do grupo e por que age de forma tão violenta devem ser analisados seus pilares de formação e de que forma estruturam seu projeto de poder na Nigéria, o país mais rico do continente africano, mas com um dos maiores índices de corrupção do mundo.

Palavras-Chaves: Boko Haram, Nigéria, Islã, Fundamentalismo, Terrorismo.

Abstract : Boko Haram is one of several Islamic fundamentalist groups present on the African continent, but it is highlighted by the number of deaths caused by the population of Nigeria and neighboring countries. With its formation, it changed of significant way to the geopolitics of the region, being considered the most bloodthirsty terrorist group at the moment. Its appearance and development refer to the context of the formation of the Nigerian state and the consolidation of Islam in the Sahel region, in order to understand the functioning of the group and why it acts so violently, its pillars of formation must be analyzed and form its power project in Nigeria, the richest country on the African continent, but with one of the highest corruption rates in the world.

Keywords: Boko Haram, Nigeria, Islam, Fundamentalism, Terrorism.

Recebido em: 26/12/2017

Aprovado em: 22/01/2018

¹ Acadêmico do curso de Relações Internacionais – Centro Universitário Curitiba - UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: tiagoviesba009@gmail.com

² Professor Orientador – Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA. Curitiba – PR. email: andrewtraumann@hotmail.com

Introdução

O presente trabalho busca enlocar possíveis explicações sobre o surgimento do grupo terrorista fundamentalista islâmico Boko Haram no nordeste da Nigéria e qual sua importância geopolítica para a região, além disso, tratará dos motivos que levaram a consolidação da declaração de uma aliança entre o grupo nigeriano e o Estado Islâmico, com referencial partindo dos africanos.

Dessa forma, a análise da ideologia e métodos de batalha utilizados e da forma de financiamento compreenderá parte importante do artigo. Para tanto, este fará, em um primeiro momento, uma análise histórica do surgimento do grupo, demonstrando com os vários contextos sociais que cercam a região propiciaram seu desenvolvimento e aparecimento, passando desde a chegada do islamismo na África até a colonização inglesa, e mais tarde, a independência da Nigéria; já em um segundo momento, o artigo trabalhará com um estudo da ideologia dos principais líderes do grupo, como se radicalizaram e seus diferentes modos de financiamento, incluindo seu histórico de atentados, sua relação com os países vizinhos e a população de maneira geral e sua atuação frente ao braço armado do Estado; e por fim, além da conclusão dos motivos que levaram o grupo a se aliar ao ISIS, serão elencadas as principais características que influenciaram, de forma conjunta, o aparecimento do Boko Haram na região e demonstradas algumas características que o grupo tem em comum com o Estado Islâmico.

Foram utilizados dados de artigos já publicados, relatos de jornalistas que possuem uma profunda relação com os fatos ocorridos e material retirado de livros que trabalham com o tema da religião islâmica.

1. A Chegada do Islã no Continente Africano

A expansão do Islã para além de suas fronteiras gênese, data do período subsequente à absorção da maioria dos povos que viviam no Oriente Médio, ou seja, a partir do século VII, tem início um processo de expansão do Império Islâmico, na figura do Califado Omíada³ o

³ O califado é a forma islâmica monárquica de governo. Representa a unidade e liderança política do mundo islâmico. A posição de seu chefe de Estado, o califa, baseia-se na noção de um sucessor à autoridade política do

qual, chegou a conquistar no seu auge partes da Índia, Península Ibérica, Cáucaso e o Continente Africano. No caso específico deste último, seguindo três principais eixos regionais: pelo Egito, fruto de invasões militares; através do chamado Chifre da África, nas regiões atuais da Somália e Etiópia, em consequência de uma expansão comercial; e pelo noroeste da África do Norte, onde sua difusão levou em conta a presença cristã naquela região, a qual precede de mais de seis séculos o nascimento da religião islâmica com as comunidades cristãs (católicas, ortodoxas, protestantes), remanescentes da influência de dominação do Império Romano, portanto,

[...] As relações comerciais com o mundo árabe e o norte da África trouxeram riqueza e conhecimento consideráveis, além de atrair aliados úteis. Foi através desses contatos iniciais que a longa e lenta jornada em direção ao Islã começou⁴ (Smith, 2016, p.30, tradução livre).

A África do Norte é uma terra de antiga evangelização e o islã desenvolveu um perfil original e “personalizado” nessa região, inserindo-se em diversos contextos locais: especificamente na área magrebina, onde a difícil síntese árabe/berbere⁵ e o decisivo encontro/reencontro colonial com os franceses lançaram as bases para um islã árabe ocidentalizado, aberto e conservador ao mesmo tempo, com tendência para a intransigência e a solidariedade religiosa na forma clássica de confraternidades ou na forma moderna de associações. Mas também, o islã, ocupa tal lugar proeminente pela sua capacidade de criar um

profeta islâmico Maomé. O Califado Omíada foi o segundo de quatro califados islâmicos (sunitas), e foi fundado na Arábia após a morte do Profeta Muhammad. Os omíadas governaram o mundo islâmico de 661 a 750, e sua capital se localizava na cidade de Damasco, eles também iniciaram o processo de difusão do Islã por toda a Ásia, África e Europa. Disponível em: <<http://iqaraislam.com/oque-foi-o-califado-omiada/>>. Acesso em: 03.nov 2017.

⁴ Trade relationships with the Arab world and northern Africa brought considerable wealth and knowledge, not to mention useful allies. It was through these initial contacts that the long, slow journey toward Islam began (Smith, 2016, p.30).

⁵ De maneira geral, os povos conquistados aceitaram o domínio árabe, já que passaram a ser muito menos explorados do que eram na época do domínio persa e bizantino, e poderiam manter suas culturas e formas de vida tradicionais. Os cristãos e os judeus (considerados “Povos do Livro” e fiéis ao mesmo Deus) recebiam tratamento especial. A princípio, os árabes não interferiram na forma administrativa dos povos dominados, somente os obrigavam a pagar impostos. Nem mesmo a conversão ao Islã era incentivada, pois isso transformaria o convertido em um membro da ummah, o qual não poderia ser excessivamente tributado, com uma consequente redução dos rendimentos dos árabes. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/islamismo-2-o-imperio-arabe.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 03.nov 2017.

clima religioso que leva facilmente a conversões, a partir de uma fácil identificação e pelo não estabelecimento de classes sociais. Dessa forma, entende-se o islã, não como um fenômeno estritamente religioso, mas também cultural, porque abre as portas à rica cultura árabe/muçulmana. Sendo assim, no Marrocos, onde a maior parte da população o professa, e sendo tal fenômeno, também remetido ao período das invasões árabes, em que, ao passo que o islã é uma religião monoteísta, tornou-se mais fácil sua aceitação e conversão entre a população cristã local com o passar dos séculos do domínio dos árabes⁶.

A partir desse desenvolvimento no norte africano, o islã faz um longo trajeto até as regiões mais centrais do continente, especificamente na região do Sahel⁷, a partir da presença de mercadores e de suas rotas comerciais regionais, que aproximou o islã, dos povos tribais que viviam no interior do continente. Dessa forma, sucedeu-se um processo de sincretismo religioso entre as religiões tribais dos grupos que lá residiam e o islã, possibilitando sua propagação na região. Vale ressaltar, que tal sincretismo promoveu a manutenção dessas relações religiosas na região, mas partir do século XVI, a época das Grandes Navegações⁸, até o século XIX, culminado no Imperialismo⁹, promoveu-se um abalo dos antigos sistemas tribais e seus laços familiares e religiosos, onde restou ao islã, o papel de cola social dentre

⁶ Os berberes são povos que vivem na região norte da África, principalmente no atual Marrocos e Argélia (áreas compostas pelo deserto do Saara). São considerados os povos mais antigos do continente africano, sendo que a grande maioria dos berberes segue a religião muçulmana. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/o_que_e/berberes.htm>. Acesso em: 03.nov 2017.

⁷ O Sahel (do árabe significa “costa” ou “fronteira”) é a região da África situada entre o deserto do Saara e as terras mais férteis a sul, que forma um corredor quase ininterrupto do Atlântico ao Mar Vermelho, numa largura que oscila entre 500 e 700 km. Pode, portanto pensar-se que a agricultura no Sahel está condenada ao fracasso, mas, ao contrário, ela é protegida por uma “cintura verde” constituída por uma flora altamente diversificada, que – por não ter sido usada pelo homem - a protege dos ventos do Saara. No entanto, o Sahel tem sido palco de longos períodos de seca que, por exemplo, em 1968-1974. Disponível em: <<http://equatoria.blogspot.com.br/2009/06/o-que-e-e-onde-fica-o-sahel-africano.html>>. Acesso em: 03.nov 2017.

⁸ Durante os séculos XV e XVI, os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, lançaram-se nos oceanos Pacífico, Índico e Atlântico com dois objetivos principais: descobrir uma nova rota marítima para as Índias e encontrar novas terras. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/grandesnavegacoes/>>. Acesso em: 03.nov 2017.

⁹ Imperialismo é a prática através da qual, nações poderosas procuram ampliar e manter controle ou influência sobre povos ou nações mais pobres. Processo geralmente associado a uma dominação econômica, mas pode se dar em todos os pilares da sociedade.

esses grupos, ao passo que, os Estados europeus e suas políticas de dominação, desestruturaram e modificaram tais antigas relações sociais e religiosas.

2. O Islã e a Escravidão: do Califado de Sokoto a Colonização Britânica

Em consequência do desenvolvimento dessas rotas comerciais que levaram a uma interiorização no Continente africano, além do intercâmbio de produtos entre esses povos, consolida-se um forte comércio de escravos negros na África Subsaariana. Devido, principalmente, as conquistas militares dos povos que percebiam no comércio de escravos uma fonte de obtenção de altos lucros. E por conta disto, novas relações sociais entre esses povos começam a se desenvolver, juntamente com o aparecimento de novos Impérios regionais, financiados por essas novas fontes de renda.

A partir do desenvolvimento desses impérios, novas elites de algumas etnias passaram a deter o poder nessas regiões. E sendo que, tais grupos, utilizaram de regimes teocráticos¹⁰ como forma obterem a legitimação de seus poderes, um dos mais importantes destes, na região do Sahel, foi sem dúvida o Califado de Sokoto. Tal Califado foi instituído, no território pertencente ao atual estado de Borno do Norte da Nigéria, pelos Kanuri - uma etnia recém-chegada ao poder, formada por diversos povos da região e "[...] (Kanuri) passaram a dominar, e ainda são o maior grupo étnico da região [...], Bornu estabeleceria uma reputação no século XVIII como um importante centro de aprendizagem islâmica¹¹" (Smith 2016, pág. 30, tradução livre).

O Califado foi estabelecido no início do século XVIII e sustentava-se economicamente no comércio de produtos manufaturados e de escravos, os quais se mostraram muito rentáveis.

¹⁰ Estado teocrático é um país ou nação que possui um sistema de governo que se submete às normas de uma religião específica. As regras que gerem as ações políticas, jurídicas, de conduta moral e ética, além da força policial deste modelo de governo estão baseadas em doutrinas religiosas. Estados confessionais, ou seja, que assim como a teocracia, possuem uma religião oficial ou privilegiam um grupo religioso em comparação com outras doutrinas que podem existir na mesma sociedade. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/estado-teocratico/>>. Acesso em: 03.nov 2017.

¹¹ “[...] (Kanuri) had come to dominate, and they are still the largest ethnic group in the area today [...], Bornu would establish a reputation by the eighteenth century as an important center of Islamic learning” (Smith 2016, p. 30).

Ademais, vale ressaltar, Sokoto, não poderia ser considerada uma nação unida, e sim, melhor representado por um aglomerado de povos aliados que possuíam, na figura do Califado, um poder central. Além disso, eram corriqueiros os abusos de poder cometidos pelo califa, como forma de manter a unidade da região. Contudo, o poder central, ainda propiciou um alto grau de desenvolvimento para o Califado, tanto uma expansão territorial em busca de escravos e recursos naturais, como medidas sociais para a população. Como exemplo vale citar, o desenvolvimento de um sistema educacional próprio para mulheres, a partir dos ensinamentos literários islâmicos, como uma forma de disseminação do islamismo e controle social.

Entretanto, nessa mesma época, entre os séculos XVIII e XIX, as potências europeias começam uma busca por novas fontes de matérias primas, mão de obra e mercados consumidores para alimentar o desenvolvimento de suas indústrias nascentes na Europa, em um período conhecido como Imperialismo, que culminou na Conferência de Berlim¹² de 1894 e a “Divisão da África”. Tal processo, ao recortar o continente africano entre as principais potências da época, não levou em consideração as relações sociais já existentes, gerando inúmeras disputas territoriais com junção de tribos rivais em um mesmo território, tal processo tem consequências até os dias atuais. Nesse período, o governo Britânico clama para si o território atual que corresponde ao Estado da Nigéria onde,

[...] A Companhia Real do Níger até então foi oficialmente fretada pela Grã-Bretanha e havia trabalhado para abrir o interior da atual Nigéria para negociar. Os franceses e alemães possuíam interesses territoriais similares, penetrando o território africano o mais rápido possível para cortar intermediários costeiros e bloquear novos mercados¹³ (Smith, 2016, p. 38, tradução livre).

¹² A repartição da África, realizada de forma despótica, teve seu ápice quando da realização da Conferência de Berlim, que se iniciou em 1884 e durou até o ano subsequente. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/conferencia-de-berlim/>>. Acesso em: 03.nov 2017.

¹³ The Royal Niger Company by then was officially chartered by Britain and had worked to open up the interior of what is today Nigeria to trade. The French and Germans has been at the same game, penetrating into Africa territory as fast as possible to cut out coast middlemen and lock up new markets (Smith, 2016, p. 38).

Os Britânicos estavam em busca do óleo de palma, para ajudar no progresso de sua indústria nacional, e para tanto, procuraram adentrar no interior da África Ocidental para driblar fornecedores intermediários e fazer comércio diretamente com os mercados locais. Entretanto, os antigos centros de poderes, que já existiam na região, atrapalham tais planos e como forma de subordinar tais poderes, abrir os mercados e proporcionar segurança para o comércio do produto, a Coroa Britânica toma duas medias com o intuito de desestruturar tais centros de poder regionais: para acabar com sua principal fonte de renda, o comércio de escravos, este passa a ser proibido por lei. E para a manutenção desse regime, por exemplo, são levados para o Sul da Nigéria, missionários cristãos e com eles seus valores, “[...] formas ocidentais de educação e desejo de erradicar a escravidão¹⁴” (Smith, 2016, p. 42, tradução livre); além disso, ações militares também são elencadas com o intuito de erradicar forças contrárias aos interesses britânicos, como lideranças locais que utilizavam do comércio de escravos, caso estes não cedam pelas negociações.

Dessa forma, além da presença do Império Britânico, o Califado de Sokoto permanecia outro centro de poder, com influência em toda região do Lago Chad¹⁵ e para além do atual estado de Borno, e com a instituição de um protetorado na região Norte da Nigéria nos anos de 1990, isto logo mudaria. Utilizando-se, em um primeiro momento, de tentativas de negociação, a Coroa percebe que tal poder regional, juntamente com o comércio de escravos na região, somente subordinar-se-iam ao Império Britânico através da dominação completa de sua sociedade. E com isso, expedições militares foram formuladas para desestrutura e limpar tal Califado da região e da história. E em 1903, se deu a conquista do orgulho Califado de Sokoto, com a entrada dos britânicos na sua capital, e a dizimação de grande parte de seus líderes.

¹⁴ “[...] Western forms of Education and a desire to eradicate slavery” (Smith, 2016, p. 42).

¹⁵ O Lago Chade é um grande lago localizado nas proximidades do centro geográfico do continente africano. É muito importante economicamente por fornecer água para cerca de 20 milhões de pessoas nos quatro países localizados ao seu redor: Chade, Camarões, Níger e Nigéria.

Dessa forma, vale ressaltar que o embate entre as forças tradicionais do continente africano contra os europeus - na busca destes, pela abertura dos mercados da região, da desestruturação de tradicionais centros de poder regional e conveniente segurança de seu comércio - gerou: a destruição desses antigos atores regionais, como o Califado de Sokoto, e o desenvolvimento de uma aversão histórica a presença ocidental, por parte das populações locais que viram seus sistemas políticos e sociais desmoronarem.

3. A República Federativa da Nigéria e suas Contradições

Os britânicos, durante os anos de colonização, de uma forma geral, criaram estruturas administrativas legais, mantinham as chefias tradicionais e o controle das colônias através de protetorados. Contudo, em resposta ao crescimento do nacionalismo nigeriano ao final da Segunda Guerra Mundial, acompanhando uma lógica parecida com a de outras colônias e não mais dispendo de recursos suficientes para manter a dominação nessas regiões, o governo britânico iniciou um processo de transição da colônia para um governo próprio com base federal. Concedendo total independência em 1960, tornando a Nigéria¹⁶ um Estado soberano baseado num sistema de governo federativo. Em 1996, o país passou por dois sucedidos golpes militares que acabaram por substituir os governos regionais por 12 estatais, com o fim de propiciar maiores poderes para a Federação. Entretanto, o governo ainda passara por juntas militares de 1970 a 1999 e entrou nos anos 2000, com a orientação de tentar consolidar a democracia em meio ao conturbado histórico da nascente república.

Mas, para se entender como ficaram organizadas as forças internas do país, segundo Smith (2016, p.63, tradução livre) “É impossível entender a Nigéria moderna, sem considerar suas divisões étnicas e regionais¹⁷”. Sendo tal, composto a partir da combinação de dois

¹⁶ Nigéria: Para fins desse artigo, vale ressaltar que o país está localizado na África Ocidental e compartilha fronteiras terrestres com a República do Benim a oeste, com Chade e Camarões a leste e com o Níger ao norte. Sua costa encontra-se ao sul, no Golfo da Guiné, no Oceano Atlântico.

¹⁷ “It is impossible to understand modern-day Nigeria without considering its ethnic and regional divisions” (Smith, 2016, p.63).

protetorados britânicos vizinhos: o Protetorado Sul e o Protetorado Norte da Nigéria – construindo-se com a junção dos dois, em 1914, um potencial gigante da África, em termos de população e economia. Devido a isto,

De certa forma, a inquietude parece inevitável em partes do norte da Nigéria, um país lançado por colonialistas que juntaram culturas, tradições e etnias muito diferentes em uma nação [...], mas uma série de fatores tornariam a Nigéria um exemplo particularmente volátil, e torna-se necessário, obviamente, começar com o petróleo¹⁸ (Smith, 2016, p. 6-7, tradução livre).

Ou seja, mostrava-se muito mais vantajoso para a Inglaterra, direcionar as regras e políticas colonialistas para exacerbarem as características que dividiam as regiões e as etnias, do que permitir que esses povos desenvolvessem certa identificação. Ainda destaca-se que, essa política de dividir para conquistar, foi corriqueiramente utilizada pelos britânicos para dominar suas regiões coloniais. Dessa forma, a cultura da região norte foi preservada, permanecendo como uma economia agrária e a maior parte da população islâmica e vivendo sobre antigas estruturas tribais - além disso, um número relativo dessa população ainda foi educado segundo os padrões ocidentais. Já na região sul, a partir de um processo de educação ocidentalizada, houve a introdução de um mecanismo de cristianização e de aculturação ocidental da população e tais, geram consequências até os dias atuais, devido, principalmente, às disputas econômicas e políticas entre as duas regiões. Permanecendo o Norte, com a maioria da população profetizando o islã, e o Sul o cristianismo.

Ademais, vale ressaltar que desde a formação do Estado Nigeriano, as disputas entre os diferentes grupos já eram bem visíveis, onde havia os que eram a favor de uma maior centralização do poder, com a identificação como nigerianos ultrapassando as diferenças étnicas e seria incumbido ao governo central o papel de representar todos os grupos. E os que

¹⁸ In some ways, unrest seems inevitable in parts of northern Nigeria, a country thrown by colonialist who combined vastly different cultures, traditions and ethnicities under one nation [...], but a number of factors would make Nigerian a particularly volatile, example, and one must of course start with oil (Smith, 2016, p. 6 - 7).

acreditavam que um modelo de Estado nesse sentido era irrealista, pois, as diferenças regionais deveriam ser levadas em consideração. Como se observa,

[...] Uma corrente desse debate continua nos dias de hoje, com aqueles que acreditam que a presidência deve apresentar um caráter rotativo entre regiões; e outros que acreditam que o país ultrapassou a política étnica, sendo assim, o melhor candidato devem vencer, independentemente de seu histórico político ¹⁹ (Smith, 2016, p. 64, tradução livre).

Este cenário de fragmentação revela que a divisão e disputas entre as etnias e as regiões trazem severas consequências para o país, como o problema da corrupção o qual, possui suas raízes históricas dentro do processo de colonização da Nigéria. Em que, para manter a colônia dividida e possibilitar um processo de dominação mais eficaz, a Coroa Britânica, como já mencionado, acentuava as diferenças regionais nigerianas, principalmente pelo uso da educação. Onde, devido a uma resistência de alguns líderes do Norte, a impossibilidade de acesso, pelos missionários cristãos, a esta região, e a ignorância da Metrópole sobre o assunto, impede-se que houvesse profundas mudanças sociais no tecido social. E dessa forma, os ensinamentos do alcorão e da educação islâmica permaneceram como parte importante da cultura desses povos. E, como consequências dessas questões, a corrupção no país já é considerada uma questão legendaria, tendo relação com as atuais condições do Norte e do Estado como um todo, como enuncia Smith (2016, p.60, tradução livre) "[...] Nigerianos de todas as etnias e origens listaram qualquer esperança que possam ter em seu governo, no sistema de justiça e nas forças de segurança²⁰".

Além disso, a descoberta de inúmeras jazidas de petróleo no Delta do Níger²¹ em 1956 possibilitou o aprofundamento da corrupção e das rixas entre as regiões que já eram fruto de

¹⁹ [...] A form of that debate continues today, with those who believe the presidency must be rotated between regions every couple of terms and other who believe the country has moved beyond ethnic politics, that the best candidate should win, regardless of background (Smith, 2016, p. 64).

²⁰ “[...] Nigerians of all ethnicities and origins have list any faith they may once had in their government, justice system and security forces” (Smith 2016, p.60).

²¹ Delta do Rio Níger na Nigéria é uma região densamente povoada, por vezes denominada Oil Rivers porque ela já foi um importante produtor de óleo de palma, gora definido oficialmente pelo governo nigeriano torna-se

uma herança colonial, impedindo a identificação da população e o desenvolvimento de outros setores da economia. É notório o grau de desigualdade social e econômica das regiões, em que, apesar de grande parte da população residente no Sul, local onde se encontram as reversas petrolíferas, viver de forma precária, tais condições, nem se comparam a marginalização sofrida pela população do Norte. O que somente corroborou, quando a Nigéria conquista sua independência, numa falta de identificação do Norte com o regime democrático e a disseminação da corrupção na esfera pública, como se observa, “[...] Como alguns já haviam indagado, muitos no norte da Nigéria passaram a ver a democracia como um sistema que os mantém pobres e enriquece os líderes indignos e corruptos²²” (Smith, 2016, p. 9, tradução livre).

4. Histórico do Grupo: do Nascimento a Radicalização

E dentro desse contexto regional, desenvolveram-se nos estados do norte (Borno, Yobe e Adamawa) diversas seitas religiosas que buscavam um isolacionismo em relação à marginalização sofrida por essa população muçumana, consequência do contexto econômico e político, mas que reverbera no estilo de vida cultural. E, o Boko Haram, tem seu início, a partir do desenvolvimento intelectual e ideológico de uma dessas seitas religiosas na década de 90.

Tal grupo era formado por estudantes universitários de diversas áreas do conhecimento que, após um contado prévio com escritos islâmicos e a percepção das contradições sociais dentro de sua própria realidade, passam a buscar, nos ensinamentos contidos no Alcorão²³ discussões que consigam explicar tais desigualdades e apontar uma saída. E, ao realizarem suas próprias interpretações dos textos, afirmam que a manutenção de

7,5% da massa do seu território. Disponível em: <<http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EkEuAkFuAZgGrqWxqb>>. Acesso em: 03.nov 2017.

²² “[...] As some gave pointed out, many in northern Nigeria have come to see democracy as a system that keeps them poor and enriches undeserving, corrupt leaders” (Smith, 2016, p. 9).

²³ Alcorão ou Corão é o livro sagrado do Islã. Os muçulmanos creem que o Alcorão é a palavra literal de Deus (Alá) revelada ao profeta Maomé (Muhammad) ao longo de um período de vinte e três anos. A palavra Alcorão deriva do verbo árabe que significa declamar ou recitar.

tais desigualdades vem da forma como a educação ocidental, propagada via verdades culturais e imposta por um processo histórico de dominação, corrompe o ser humano. E que somente, a partir de uma reeducação baseada unicamente nos preceitos islâmicos é possível se alcançar uma moral e uma ética religiosa e em consequência, uma verdadeira consonância com o estilo de vida islâmica. Para tanto, em determinadas situações ritualísticas, os estudantes rasgavam seus diplomas e livros universitários como forma de demonstrar seu antagonismo com essas ideias.

Concomitantemente a propagação dos pensamentos da seita e o aumento da aderência da população local, surgem lideranças ideológicas que, influenciadas por suas próprias interpretações do islamismo e valores pessoais, passam a transmitir suas correntes de pensamento aos demais membros do grupo. E, na virada dos anos 2000, houve o aparecimento de uma ideologia centralizadora, representada na figura do futuro líder, Mohammed Yusuf. Este, apesar de manter o grupo com objetivos puramente isolacionistas quando unifica suas correntes de pensamento, permite a ascensão de uma seita puramente religiosa, para uma organização de caráter político e mais tarde, o desenvolvimento de características mais violentas do grupo. Dessa forma,

A ascensão de um homem como Mohammed Yusuf no nordeste da Nigéria pode parecer previsível. A região e o centro da aprendizagem islâmica, sede do antigo Império Kanem-Bornu²⁴, a leste do califado de Sokoto, que antigamente dominaram a África Ocidental, cujo poder ressoa no mundo árabe, caíram em tempos difíceis mais recentemente. À medida que a economia do petróleo da Nigéria levava à negligência de outras indústrias e ao florescimento da corrupção, o nordeste lutou. A região, devido a um encontro de ideias e a modificação da savana próxima ao Lago Chade e ao deserto do Saara, influenciou grande parte do resto do país aderir educação e riqueza durante o período em que Yusuf começou a desenvolver seu movimento²⁵ [...] (Smith, 2016, p 59, tradução livre).

²⁴ O Império de Kanem-Bornu foi um estado medieval africano localizado, no seu auge, em a grande parte do atual Chade e partes do sul da Líbia, além do leste do Níger, o nordeste da Nigéria e o norte de Camarões. Existiu de 1387 a 1893 e desde o século IX, era conhecido pelos geógrafos árabes como Império de Kanem, sobrevivendo como reino independente de Bornu até 1900.

²⁵ The rise of a man like Mohammed Yusuf in northeastern Nigeria may seem predictable. The region and center of Islamic learning, home to the ancient Kanem-Bornu Empire, east of the Sokoto caliphate, which once dominated West Africa, its power resounding in the Arab world, have fallen on hard times more recently. As Nigeria's oil economy led to the neglect of other industries and corruption flourished, the Northeast fought. The region, by a long crossroads of ideas and change the savannah scrubbed near Lake Chad and the Sahara Desert,

Os fatores que permitiram tal evolução justificam-se na centralização ideológica do grupo, devido às características do próprio líder. A começar por seu histórico de vida, Mohammed nasceu no Nordeste da Nigéria no estado de Yobe, região onde a savana encontra-se com o deserto do Saara, e desde cedo demonstrou interesse pela política ao fazer duras críticas à situação marginalizada de onde vivia, além de possuir fortes influências do islã. Mas, foi seu encontro com o então clérigo conhecido como Sheikh Ja'far, que Yusuf foi colocado em contato e desenvolveu forte influência de uma importante e complexa ideologia fundamentalista islâmica, o Salafismo²⁶.

Tal ideologia possuía muitos adeptos no Norte da Nigéria devido alguns fatores locais: em primeiro lugar, devido às próprias condições marginais da região, que eram propícias ao aparecimento de líderes messiânicos os quais, explicavam tais contradições existentes por meio da religião, apresentando soluções alternativas de vida por meio da formação de comunidades isoladas. Vale ressaltar que movimentos parecidos já geraram atritos anteriores entre o governo federal e as comunidades muçulmanas do Norte; em segundo lugar, e talvez o principal fator, em 1999, devido a problemas constitucionais anteriores entre cristãos e muçulmanos, foi promulgada uma nova Constituição Federal do país que permitia aos estados do Norte a incorporação da sharia²⁷ como lei penal – nas palavras de Smith (2016, p. 76, tradução livre) "[...] Foi uma combinação de oportunismo político por parte de políticos locais, bem como campanhas sinceras por reformas islâmicas²⁸".

dragged much of the rest of the country into education and wealth by the time Yusuf began to build his movement [...] (Smith, 2016, p.59).

²⁶ Salafismo: movimento fundamentalista, que surgiu no século XVII, de reinterpretação da chamada “Época de Ouro do Islã”, ou seja, pregava uma estrita releitura e doutrinação baseada nos textos islâmicos originais, em outras palavras, o retorno à pura forma de interpretação do Alcorão, o que, segundo os seguidores dessa ideologia, proporcionara ao Império Islâmico seu auge do século VII. Ambos os líderes do Boko Haram, Mohammed Yusuf e Shekau, eram seguidores dessa ideologia.

²⁷ Sharia é o código de leis do islamismo, onde em várias sociedades islâmicas atuais não há uma separação clara entre a religião e o Estado ou entre a religião e a justiça. Todas as leis, ou a maioria delas, são religiosas e têm como base o Alcorão e as opiniões dos líderes religiosos. Existe, porém, uma imensa diferença na interpretação da lei islâmica nas sociedades muçulmanas. - Disponível em <[http://ultimosegundo.ig.com.br/11desetembro/saiba-o-que-e-a-sharia-o->](http://ultimosegundo.ig.com.br/11desetembro/saiba-o-que-e-a-sharia-o-). Acesso em: 02.nov.2017.

²⁸ "[...] It was a combination of political opportunism on the part of local politicians as well as sincere campaigning by Islamic reforms" (Smith 2016, p. 76).

Dessa forma, Yusuf aparece nesse contexto de fermentação ideológica. Grosseiramente educado, mas evidentemente curioso, tornou-se o estudante mais disciplinado e aplicado de Sheikh Ja'far. Radicalizando os ensinamentos do clérigo e em 2003 dando início ao que seria conhecido mais tarde como Boko Haram. Já nessa época, o Yusuf inicia um profundo estudo de teologia na Universidade da Medina na Arábia Saudita, inspirando-se nos sermões de Shukri Mustafa, então líder religioso salafista inspirando na Irmandade Muçumana²⁹.

Então, a partir dessa bagagem teórica, Yusuf promove o desenvolvimento de caráter mais político do grupo, baseado no engajamento em eleições nas vilas mais interioranas e a criação de uma comunidade islâmica isolada, que seguiria uma ética e moral coerente com os ensinamentos tradicionais do islã. Vale ressaltar que nessa época, a principal forma de arrecadação de recursos financeiros deles, era proveniente de contribuições voluntárias dos povos que aderiam ao discurso da comunidade. Contudo, com o crescimento do número de adeptos, Yusuf inicia um processo de radicalização de seu discurso, colocando seus antigos conhecidos e o próprio Sheikh Ja'far contra suas ideias mais radicais. Tais ideias passaram a se basear, não somente num isolacionismo, mas no estabelecimento do sistema de leis islâmicas em toda Nigéria e este período, caracteriza-se pelo início das incursões do Boko Haram com pequenos ataques a bases militares no estado de Borno. Ademais, o grupo de Yusuf gradualmente passa a ser chamado de Boko Haram não por seus próprios membros, mas pela população e mídia local, que traduzem de acordo com a língua nativa, o Hausa, o nome dado ao grupo “Educação Ocidental é proibida” como Boko Haram.

O caráter mais radical do líder é observado quando critica o status quo da Nigéria e faz referências aos anos de glória do islã em certos períodos do Califado de Sokoto, dessa forma,

²⁹ A Irmandade Muçulmana é um grupo político e religioso que atua em diversos países do Oriente Médio, Ásia e África, defendendo que as regras do islamismo sirvam não apenas para ditar a forma de vida dos fiéis, mas também para guiar a sociedade e o Estado. Além de lutar para estabelecer a sharia (leis do islamismo) como base para governos, a Irmandade Muçulmana também tem o objetivo de unificar os países de população muçulmana. Fundada no Egito em 1928 por um professor chamado Hassan al-Banna, a Irmandade tinha como objetivo libertar o país do controle colonial britânico e de todas as influências ocidentais, que eram consideradas “corruptoras”. Ela tem origem na mesma seita islâmica radical wahabita, sunita, base da sociedade da Arábia Saudita. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/revoltamundoarabe/2013-07-10/entenda-o-que-e-a-irmandade-muculmana.html>>. Acesso em: 03.nov 2017.

[...] Ele (Yusuf) defendeu o desenvolvimento de um estado islâmico onde os princípios muçulmanos e a lei da sharia seriam obedecidos e denunciaram os líderes tradicionais do norte da Nigéria, incluindo o sultão de Sokoto, a maior figura espiritual muçulmana do país³⁰(Smith, 2016, p. 80 – 81, tradução livre).

Ademais, o desenvolvimento do grupo nesse contexto se dá por duas lógicas que são concomitantes e baseadas numa característica marcante de Yusuf, seu carisma: em primeiro lugar, a fácil identificação da população local com seu discurso, quando faz duras críticas às estruturas ocidentais vigentes, como a democracia. Onde tal sistema já é percebido como excludente, permitindo o enriquecimento de umas poucas elites e promovendo um processo de reprodução da pobreza. Como afirma Smith (2016, p. 83, tradução livre) [...] Ele foi capaz de atrair seguidores através do seu carisma e também devido a desesperança entre os homens jovens da região, fato que os abriu para ouvir seu chamado³¹"; e em segundo lugar, em consequência do isolacionismo, a promoção de políticas sociais de assistência à população mais carente, realizado por alguns membros do grupo sob as ordens do líder. Onde, a partir do financiamento dos próprios seguidores, buscava-se uma legitimidade do discurso, com a substituição da atuação do Estado, por esses programas de ajuda.

Obviamente, devido à histórica marginalização econômica, política e cultural da região, o governo central de Bornu percebe com maus olhos o desenvolvimento de forças paralelas que seriam segundos eles, ameaças capazes de descolar a população da estrutura democrática e deslegitimar o regime vigente. E como consequência desses atritos, entre o governo nigeriano e a comunidade religiosa que estava em pleno processo de ascensão, ocorrem confrontos armados entre a polícia nigeriana e o grupo. Tais confrontos ocasionaram na morte de Mohammed Yusuf em 2009, onde, enquanto o grupo participava de um funeral, forças policiais nigerianas atacaram os, mantando seu líder. Ainda assim, o governo afirma

³⁰ [...] He (Yusuf) advocated the development of an Islamic state where Muslim principles and sharia law would be obeyed, and denounced northern Nigeria's traditional leaders, including the sultan of Sokoto, the country's highest Muslim spiritual figure (Smith, 2016, p. 80 - 81).

³¹ “[...] He was able to attract followers both through his charisma and because hopelessness among the region's young men made them open to hearing his call” (Smith 2016, p. 83).

que os insurgentes iniciaram os disparos, mas um grande número de expectadores locais afirma que foi o contrário.

Contudo, ao contrário do que o governo esperava, com a radicalização das ações estatais, gera-se um clima de aprofundamento de marginalização por parte da população que residia no nordeste da Nigéria. Isto, somado a atuação da polícia, permite, além da continuidade de um sentimento de exclusão, uma oposição maior da população em relação ao governo vigente. E, dessa forma, há a ascensão ao poder do verdadeiro promovedor da radicalização do maior grupo terrorista vigente na era contemporânea, Abubakar Shekau.

O novo líder soube articular, de forma hábil, a promoção de uma verdadeira reestruturação das forças sociais do grupo, a partir da ideologia salafista já vigente e do número de seguidores. Instaurando-se um clima de verdadeira guerra absoluta, entre as forças nigerianas e o grupo fundamentalista islâmico denominado Boko Haram. Entretanto, já existem rumores que Shekau foi morto pelo exército nigeriano, como se observa,

Rumores dissimulados espalharam-se em relação a suposta morte de Shekau, enquanto os militares mais tarde alegaram que ele "poderia ter morrido" depois de ter sido baleado em um choque com tropas e levado a fronteira para Camarões para tratamento, porém os mesmos não ofereceram provas. Shekau já havia sido declarado morto em diversas ocasiões anteriores, contudo, sempre apareceria em mensagens de vídeo e áudio mais tarde. Um homem que aparentava ser Shekau apareceria continuamente em vídeos após a declaração militar sobre sua suposta morte³² (Smith, 2016, p.164, tradução livre).

6. “A Educação Ocidental ou Não-Islâmica é um Pecado”

Como afirma Smith (2016, p. 107, tradução livre) “[...] Foi claro para muitos que Boko Haram estava de volta, não importa o que as autoridades quisessem que o país acreditasse³³”. E, a partir de 2010 com a reestruturação do grupo, seus objetivos passam a

³² Unformed rumors spread over whether Shekau had been killed, while the military later claimed he ‘may have died’ after being shot in a clash with troops and taken over the border into Cameroon for treatment, but provided no proof. Shekau had been rumored or declared to be dead several times before, only to later appear in video and audio messages. A man who seemed to be Shekau would repeatedly appear in more videos after the military statement on his supposed death (Smith, 2016, p.164).

³³ “[...] It was then clear to many that Boko Haram was back, no matter what the authorities wanted the country to believe” (Smith, 2016, p. 107).

condizer não mais com uma comunidade islâmica isolada e sim, um projeto de poder claro e estruturado, baseado na interpretação dos próprios membros do islã, e que tem três pilares de pensamento.

Em primeiro lugar, uma oposição à penetração cultural ocidental que é, segundo os dizeres do grupo, a principal causa da corrupção do ser humano e do governo da Nigéria; em segundo, criação de um Estado Islâmico, não de maioria mulçumana, mas que seja ordenado e coordenado por um Califa e que esteja de acordo com os preceitos fundamentais do islamismo; e por último, reeducação das mulheres, ou seja, a imposição de uma educação não ocidental e que permita a formação de um tecido social condizente com a ideologia deles.

Até agora, as atividades do grupo e conseqüentemente seu modo de financiamento não se caracterizavam como terroristas, mas, após a chegada de Shekau ao poder, a interação do Boko Haram com seu meio social e político toma rumos radicais. Em um primeiro momento, mais especificamente de 2010 a 2011, o grupo busca o estabelecimento e a manutenção de um status quo dentro da sua região de origem. Para isto, deve se ter em mente que, colocar seu projeto de poder em funcionamento, significa estabelecer uma região de domínio, por onde emanaria sua ideologia e possibilitaria a obtenção de recursos para sua manutenção.

Dessa forma, o Boko Haram estende suas ações militares contra outros grupos rebeldes na região, seitas religiosas ou quaisquer instituições sociais mulçumanas ou não que não vão de encontro com sua ideologia. Tudo isso, com o intuito de frear e absolver outros grupos guerrilheiros ou na região, incluindo a execução de projetos de dominação da população local e imposição do, talvez, mais importante pilar do grupo, a reeducação das mulheres. Tal pilar foi instaurado, não somente por uma cultura tribal patriarcal³⁴, mas principalmente por dois motivos correlacionados que possuem um fundado objetivo de dominação e serão analisados a seguir.

Em uma região de extrema pobreza como Bornu é conveniente pensarmos que a maior parte da população sofre do analfabetismo, além do mais, intitular a educação ocidental como pecaminosa e proibida, possibilita, a manipulação da informação de uma forma muito mais

³⁴ Sistema social em que homens adultos mantêm o poder primário e predominam em funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social, família e controle das propriedades. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Patriarcado>> Acesso em: 19 Nov. 2017.

prática. Ou seja, por se tratar de uma região de comunidades islâmicas, com pouquíssimo acesso a conhecimento e onde as tradições orais e religiosas são as mais propagadas, o grupo utiliza de ensinamentos religiosos como fonte única de verdade. Mas, desde que, tais ensinamentos estejam escritos em uma língua que não a sua língua-mãe, ou seja, o árabe, isto permite facilmente a manipulação do que se traduz como verdade. Assim, a vedação a outras fontes de conhecimento, como fontes científicas, e a impossibilidade de se chegar à leitura dos textos contidos no alcorão, possibilita a estruturação de uma sociedade onde as leis que a regem são faladas para serem ouvidas e obedecidas e não interpretadas por uma segunda vez.

E submeter às mulheres a uma lógica de dominação patriarcal, vem, não somente de tradições culturais, mas, principalmente, porque nessas sociedades tradicionais, a educação dos filhos é uma tarefa incumbida às mães e, conseqüentemente, submete-las a regras ditas como verdades, mas que, não podem ser questionadas ou comprovadas, demonstra certo receio vindo, por parte dos terroristas, de que o tecido social seja rasgado. Como por exemplo, a utilização da mutilação genital como forma de humilhação, imposição de força e reprodução de uma ideologia.

7. Fases, Táticas de Combate e Financiamento:

Nesse ponto, deve-se entender que, em se tratando de um grupo armado e independente de suas justificativas ideológicas, o Boko Haram possui sua influência e seu papel na região, não porque seus líderes passam horas rezando a Alá, mas sim, antes de tudo, representam os cérebros por de trás dos inúmeros atentados, sequestros e mortes causadas pelo grupo. Sendo que, desde 2010, Shekau já demonstrou sábio entendimento de administração e estratégias de combate, ordenando o Boko Haram e o posicionando como um importante ator dentro do território nigeriano e nas além-fronteiras.

Dessa forma, durante o período do Natal de 2010, ocorreram ataques de bombas a duas igrejas cristãs em duas diferentes cidades nigerianas e mais tarde, o aparecimento de um vídeo na internet, onde um homem chamando Abubakar Shekau reivindicava ser o novo líder do Boko Haram juntamente com os atentados ocorridos. Nesse momento, há uma percepção

de sérias mudanças no grupo, pois, ataques com bombas nunca haviam sido utilizados antes e como se observa,

[...] Isso demonstraria que o Boko Haram havia evoluído para uma força mais letal, sofisticada e difusa, provavelmente com várias células operadas de forma independente, cada uma com seus próprios objetivos³⁵ (Smith, 2016, p.108, tradução livre).

Agora, para fins de maior entendimento dessa complexa rede de atentados, financiamento e cooperação, será utilizando nesse artigo um modelo de classificação da trajetória do Boko Haram entre os anos de 2009 a 2015. Modelo este, desenvolvido pelo professor David Cook em seu artigo feito em 2014 - “Boko Haram: A New Islamic State in Nigeria”. Portanto, Segundo o professor Cook, entre os anos de 2009 a 2011, o Boko Haram passa por uma fase de reestruturação e uma tentativa de se estabelecer como poder central no Estado de Borno, como já explicado anteriormente.

Entretanto, o grupo em si, antes de atingir seu auge de dominação territorial, em meados de 2015, enfrentou barreias na continuidade de expansão dentro do estado de Borno, estas vindas da oposição feita pelo exército nigeriano. Isto representou sua segunda fase histórica que, entre os anos de 2011 a 2012, o grupo demonstrou uma clara perda de poder e diminuição de forças, principalmente pela utilização de táticas mais fracas de combate como armamento de baixa qualidade. Apesar disto, continuou a demonstrar ser um incomodo ao governo central³⁶, que ao invés de lidar com a situação, o então presidente Goodluck Jonathan, utiliza de discursos vazios e genéricos para driblar a situação. Além disso, o final dessa fase é marcado pelo atentado promovido pelo Boko Haram ao prédio das Nações Unidas na capital da Nigéria, Abuja, demonstrando o reestabelecimento da força do grupo e o que viria a seguir.

³⁵ [...] It would demonstrate that Boko Haram had evolved into a more lethal, sophisticated and diffuse force likely with various cells operated independently and for their own reasons (Smith, 2016, p.108).

³⁶ Por exemplo, de acordo com Cook (2014, p.10, tradução livre) "Esses ataques eram principalmente de natureza espetacular, e muitos deles eram ataques suicidas em locais muito distintivos (igrejas, construção do governo, base do exército), obviamente escolhidos por seu valor simbólico" - "These attacks were mostly spectacular in nature, and many of them were suicide attacks on very distinctive locations (churches, government building, army base), obviously chosen for their symbolic value" (Cook, 2014, p.10).

Já na sua terceira fase, a partir dos anos de 2012 a 2013, o Boko Haram atravessa novamente um período de reestruturação e realinhamento, mas dessa vez, com a absorção de novos combatentes e armamentos, vindos de assaltos a companhias privadas, e da cooperação com outros grupos. Entre eles temos o Al-Shabab, a Al-Qaeda do Magreb e a queda do governo de Muammar Gaddafi na Líbia em 2011, onde um grande número de armas e guerreiros foi absorvido pelo Boko Haram. Nesta fase, ficam evidentes os modos de ataques suicidas utilizados pelo grupo, como os individuais e os em grupo, além disso, novas táticas de combate são utilizadas, como afirma Smith (2016, p. 134, tradução livre) "Alguns (suicidas) usavam uniformes parecidos com os da polícia ou da divisão militar, e eles se aproximavam de oficiais e civis no estresse e os rendiam³⁷".

Nessa fase, o governo nigeriano proclama um estado de emergência, o qual coincide com a serie de derrotas sofridas pelo exército nigeriano frente o grupo. Vale ressaltar ainda, que a disponibilidade de recursos financeiros é ampliada, a partir do desenvolvimento de novas fontes de financiamento, tais como: a imposição do pagamento de impostos compulsórios a população local; o rapto de estrangeiros nos países vizinhos; auxílio proveniente de políticos durante as eleições de 2015 ou de instituições privadas, como empresas; os assaltos a bancos que se tornaram comuns nesse período; mas principalmente, o sequestro e tráfico de escravas sexuais na região. Tal feito, na verdade, vem a possuir duas finalidades primárias: quando as meninas e suas mães são cooptadas pelos terroristas, podem ser vendidas como escravas sexuais e gerar uma acumulação primária de capital ou ainda, utilizadas como reprodutoras de jihadistas, ou seja, são geralmente estupradas e convertidas ao salafismo e seus filhos, provenientes de gravidezes prévias ou deles próprios, são educados e passam a fazer parte das fileiras de combatentes do grupo.

Entretanto, a partir de 2013, o grupo entra em sua fase mais profunda, onde estabelece seu projeto de poder e domina quase que totalmente a região Nordeste da Nigéria. E nessa fase, ocorreu o caso mais emblemático do grupo, fruto dessas políticas de financiamento que buscam, também, a imposição de uma estrutura de poder e que colocou o Boko Haram em

³⁷ "Some (suicidas) wore uniforms resembling those of police or military division, and they would approach officers and civilians on the stress and gun them down" (Smith 2016, p. 134).

pauta nas discussões de jornais internacionais. Em 15 de Abril de 2014, na cidade de Chibok, localizada no estado de Borno, ocorreu o sequestro de mais de 250 meninas de um colégio estadual interno. Primeiramente, para se compreender o episódio devem-se entender os fatores que levaram ao sequestro. Sendo que, segundo Smith (2016, p. 177, tradução livre) "[...] Boko Haram havia sido culpado anteriormente por sequestrar meninas, forçando-as a se converterem ao Islã, se casando com eles e as fazendo trabalhar como escravas³⁸".

Chibok representa um ponto fora da curva na região, já que a cidade é de maioria cristã e povoada pela etnia Kibaku, em um estado de maioria mulçumana e dominado pelos seus rivais históricos, o povo Kanuri. Não obstante, a cidade já havia sofrido alguns atentados antes, mas não receberam atenção da mídia. Como afirma Smith (2016, p.175, tradução livre) "[...] A educação é precária no nordeste da Nigéria, e a situação é ainda pior para as meninas³⁹". Além disso, o descaso do governo com a segurança da região já se mostrava preocupante e as escolas das localidades já haviam sido previamente alertada para que fechassem suas portas, mas o governo de Borno não deu ouvido. Tal fato foi comprovado pela Anistia Internacional que chegou a afirmar que o governo havia sido alertado, mas não possuía recursos necessários para enfrenta os terroristas e os próprios soldados estavam com medo de entrar nas linhas de combate.

Segundo relatos de algumas garotas que conseguiram fugir e da população da cidade, os rebeldes ao chegarem a Chibok, atearam fogo às casas e realizaram disparos contra o povo, tudo com o intuito de causar tumulto. Depois, invadiram a escola e afirmaram serem soldados nigerianos e que ajudariam as garotas, mas quando as levavam para fora, as colocavam em furgões e fugiram para floresta Sambisa, localizada na fronteira entre a Nigéria e Camarões. Mas os motivos que levaram aos sequestros são diversos, como se observa,

[...] Existiram vários motivos para o fato de o sequestro ter ocorrido. O Boko Haram sempre se opôs à educação ocidental em geral, e Shekau mais tarde afirmou que acreditava que era justificável que ele se apossasse de escravos. Ele também alegou que meninas 'vão e se casam' e que não hesitaria em se casar com jovens tão novas

³⁸ "[...] Boko Haram had been blamed previously for abducting girls, forcing them to convert to Islam, marrying them and making them work as slaves" (Smith, 2016, p. 177).

³⁹ "[...] Education is badly lacking in north-eastern Nigeria, and the situation is even worse for girls" (Smith, 2016, p.175).

quanto à idade de nove anos. Mas também houveram razões estratégicas, uma vez que as abduções servem para envergonhar o governo⁴⁰ [...] (Smith, 2016, p. 183, tradução livre).

O caso orientou os olhos do mundo para a Nigéria e tamanha repercussão, gerou movimentos, principalmente vindos da sociedade civil, como protestos e discussões, dentro e fora do país, via redes sociais sobre os horrores daquela guerra civil. Tamanha repercussão, possibilitou a criação de uma Hashtag, no aplicativo Twitter, intitulada “BringBackOurGirls” que em português tem sua tradução como Tragam Nossas Meninas de Volta, a qual representava o apelo da população e do mundo ao governo nigeriano para que este tomasse alguma providência em relação a atuação severa o grupo. Vale ressaltar que, celebridades do mundo, como a então primeira dama dos EUA, Michele Obama, tiveram importante papel na repercussão desses acontecimentos.

Em virtude dessa posição, muitos governos, incluindo EUA, França, Reino Unido, China e Israel se comprometeram em enviar auxílio econômica e logística para Nigéria, numa tentativa de realizarem uma cooperação internacional. E somente após um período de negociações, o governo nigeriano acaba permitindo a cooperação. Ainda assim, as maiores dificuldades enfrentadas por esses soldados era que o terreno em que atuavam era desconhecido e também, a corrupção dentro do exército e do governo da Nigéria já eram famosos. Mesmo assim, a cooperação foi realizada, mas não parece ter surtido efeitos, uma vez que,

[...] à medida que os dias seguidos após a cúpula, ainda não havia resultados, e o governo parecia perder a paciência com a crítica que enfrentava. Enquanto isso, como o fato das meninas sequestradas dominavam a cobertura da insurgência, ocorreram ataques mais mortais, inclusive em áreas próximas de Chibok⁴¹ (Smith, 2016, p.193, tradução livre).

⁴⁰ [...] A range of reasons existed for why the kidnapping had occurred. Boko Haram was opposed to Western education in general, and Shekau would latter claim that believed he was justified in taking slaves. He would also say girls ‘go and get married’, and that he would marry them off as young as the age of nine. But there were also strategic reasons since the abductions would serve to embarrass the government [...] (Smith, 2016, p. 183).

⁴¹ [...] as the days passed following the summit, there were still no results, and the government seemed to lose patient with the criticism it was facing. Meanwhile, as the fact of the kidnapped girls dominated coverage of the insurgency, more deadly attacks were occurring, including in areas near Chibok (Smith, 2016, p.193).

Mas, engana-se quem acreditava que a utilização de mulheres por parte do grupo era feita apenas em contextos de passividade. A partir de 2014, ano que corresponde ao início do auge do Boko Haram, há diversos relatos surpreendentes a respeito da condução de ataques suicidas por mulheres. Tal estratégia, segundo Cook (2014, p.13, tradução livre) "[...] seu uso (mulheres bombas) demonstra que Boko Haram é adepto da mudança de suas táticas para manter o serviço militar e de inteligência da Nigéria fora de seu alcance⁴²".

8. Mudanças na Geopolítica da Região, Respostas dos Governos e Sequestros:

A começar pelo próprio governo da Nigéria, sua resposta efetiva as ações do grupo terrorista não surtiram tanto efeito quando poderiam, e mais, com a rápida expansão do grupo e a acumulação de territórios, percebe-se que as forças nigerianas se mostram incapazes de fazer frente ao grupo. Mas deve-se sim, levar em consideração três aspectos que comprometem a atuação da Nigéria em relação ao Boko Haram: em primeiro lugar, salienta-se que tanto o governo, quanto o exército nigeriano são extremamente corruptos; em segundo que, o Boko Haram desfruta da vantagem do conhecimento de saber pelo que está e com quem está lutando, já o exército nigeriano não faz ideia de quais são seus objetivos nessa guerra e seus reais inimigos; e por último, o Boko Haram tem a enorme vantagem de lutar em um território familiar, que por sinal, sempre foi desmerecido e marginalizado pelo governo central.

Contudo, deve-se notar que as reações do governo e dos militares aos movimentos realizados pelo Boko Haram, são sem sombra de dúvida, as piores possíveis. Primeiramente, o governo demorou muito tempo para tomar medidas cabíveis contra os insurgentes e quando finalmente resolveu atuar, o Boko Haram já adiva tomado quase que todo estado de Borno. E os relatos vindos sobre o exército também são desgostosos, sendo que, após as incursões do grupo, é dito que exército nigeriano mata civis e atea fogo as vilas, afirmando que estes eram simpatizantes do grupo terrorista. Ou seja, a população do Norte da Nigéria encontra-se

⁴² “[...] their use (mulheres bombas) demonstrates that Boko haram is adept at changing its tactics in order to keep the Nigeria military and intelligence service off-balances” (Smith, 2016, p.13).

cercada por todos os lados, sofrendo abusos de poder e crimes de guerra tanto do grupo terroristas quanto do próprio exército nigeriano.

Além disso, deve-se notar a atuação de outros governos, na tentativa de impedir que o grupo terrorista se espalhe pela região, uma vez que as fronteiras entre os países vizinhos a Nigéria (Níger, Chad e Camarões) são extremamente porosas, e isso possibilita que o Boko Haram realize: cooperações nas áreas bélicas e de informações com outros grupos terroristas da região, como a Al-Qaeda do Magreb, os sequestros em troca de dinheiro nesses países fronteiriços, como o caso do britânico e do italiano e o da família francesa, ambos em 2013 e caminhem entre tais fronteiras na busca por esconderijos ou bases militares.

Por isso, como afirma Cook (2014, p.23, tradução livre) "[...] é claro que, ao contrário do governo da Nigéria, os camaroneses estão levando o desafio Boko Haram muito a sério⁴³ [...]". Dessa forma, percebe-se que Camarões busca manter o controle rígido de suas fronteiras, numa tentativa de impossibilitar a entrada do grupo em seu território. O que tem se mostrado como uma política estatal muito eficiente, uma vez que são raros os relatos da presença do grupo nesses países e o forçamento para que o Boko Haram permaneça exilado na região da floresta de Sambisa, ainda que, comparativamente, a Nigéria, devido às jazidas de petróleo, possua muito mais recursos econômicos do que Camarões. E por fim, faz se necessário ressaltar que apesar do Boko Haram possuir uma centralização ideológica e de poder representado na figura do líder, como se observa,

[...] Talvez seja melhor pensar no Boko Haram como um termo guarda-chuva para a insurgência e a violência que veio com ele, com um número de células incalculável ou uma facção que realiza ataques. Os soldados de campo podem ser compartilhados ou recrutados conforme necessário, estes retirados da enorme população de jovens desesperados e vulneráveis a ideias extremistas e talvez atraídos pelo o dinheiro e apoio que o grupo pode oferecer⁴⁴ [...] (Smith, 2016, págs. 12-13, tradução livre).

⁴³ “[...] its clear that unlike the Nigerian government, the Cameroonians are taking the Boko haram challenge quite seriously [...]” (Cook, 2014, p.23).

⁴⁴ [...] It perhaps best to think of Boko Haram as an umbrella term for the insurgency and the violence that has come with it, with an unclear number of cells or faction carrying out attacks. Foot soldiers may be shared or

Dessa forma, pode-se analisar que no começo, o Boko Haram, não utilizava sequestros como tática de combate e forma de financiamento, diferentemente de outros grupos como a Al-Qaeda do Magreb. Mas isto mudou, nas palavras de Smith (2016, p.137 – 138, tradução livre) "Isso começou a mudar quando um grupo de membros de Boko Haram parecia romper e criar sua própria facção [...] Mais tarde, seria conhecido simplesmente como Ansaru [...]"⁴⁵. Essa separação, pode ser justificada por vários fatores, incluindo: possíveis discrepâncias ideológicas entre os membros, uma tentativa de insubordinação as regras impostas por Shekau, ou a mais oportunista seria,

[...] aqueles em Ansaru tiveram as conexões e irão tentar criar um mercado de sequestros no norte da Nigéria, visando o lucro, como seus colegas extremistas já haviam feito. É certamente possível que a história verdadeira fosse uma combinação de todos esses fatores⁴⁶ (Smith, 2016, p.138).

Assim, desde meados de 2013, ocorrem sequestros por quase todo território nigeriano frutos da atuação do grupo Ansaru, possivelmente numa tentativa de conseguir uma nova fonte de financiamento e, também, repercussão internacional. Sendo o caso mais emblemático desse período, o sequestro de um grupo de estrangeiros totalizando sete pessoas. Mas o Boko Haram, nesse período também faz seu primeiro grande sequestro, onde na fronteira de Camarões, uma família de sete franceses foi sequestrada por seus membros. E uma consequência do estabelecimento desses dois grupos foi justamente a criação de uma rede de cooperação na África, onde já 2013 ambos iniciam um processo de treinamento e troca de informações com a AQIM e o chamado GSPC⁴⁷ do Mali.

recruited as need, drawn from the massive population of desperate young men vulnerable to extremist ideas and perhaps attracted to the money and support the group can provide [...] (Smith, 2016, p. 12 – 13).

⁴⁵ "That began to change when a group of Boko Haram members seemed to break off and create their own faction [...] It would later come to be known simply as Ansaru [...]" (Smith, 2016, p.38).

⁴⁶ [...] those in Ansaru had the connections and they will to try to create a kidnapping market in northern Nigeria and wanted to profit from it as their extremist colleagues elsewhere had done. It is certainly possible that the true story was a combination of all those factors (Smith, 2016, p.137-138).

⁴⁷ Grupo Salafista para a Pregação e o Combate ou GSPC. O GSPC se aliou com a Al-Qaeda no Magreb Islâmico contra o governo argelino.

Entretanto, ressalva-se que o Boko Haram e o Ansaru, possuem técnicas de combate e objetivos distintos. Onde o último, não demonstra possuir um projeto de poder específico e sim, seus membros apenas buscam o seu enriquecimento por meio de táticas parecidas com as já elencadas pela AQIM, já o Boko Haram, como será analisado em seguida, possui objetivos mais estruturados.

9. Aliança ISIS – Boko Haram

Em meados de 2015, os dois maiores grupos terroristas do mundo, o Estado Islâmico e o Boko Haram anunciam uma aliança entre si. Tal notícia alarmou estudiosos e jornalistas pelo mundo, para uma possível formação de um terrorismo transnacional nunca antes visto. E, apesar das investidas de coalizões na região, numa tentativa de barrar a expansão territorial do Boko Haram, o grupo, ao anunciar tal Aliança, poderia buscar apoio e logística de outro ator terrorista de magnitude comparável. Mas quais motivos poderiam lhes ter aproximado em um primeiro momento e, depois, levado à formalização de uma cooperação entre dois grupos, os quais se encontram geograficamente muito distantes, e que, aparentemente, não possuem objetivos em comum?

Em primeiro lugar, se realizada uma análise mais estrutural dos grupos, percebe-se que estes possuem algumas características importantes em comum: os dois tem como ideologia essencial o salafismo, o que por si só é um fator que trás importantes objetos em comum e representa uma interpretação parecida do islã; os dois grupos utilizam de técnicas de combate parecidas; e instituíram um Califado, em suas áreas de domínio, em uma época do ano muito próxima - em 29 de junho de 2014, o EI declarou oficialmente a criação de um Califado Islâmico na Síria e no Iraque e já em agosto de 2014, Shekau⁴⁸ declarou um Califado em áreas sob o controle de Boko Haram, com a cidade de Gwoza como sede do poder.

⁴⁸ Em agosto de 2016, o grupo aparentemente se separou, ficando os que são a favor da Aliança com o ISIS e sob a liderança de Shekau e os que são dissidentes, com um vídeo anunciando que Shekau foi substituído por Abu Musab al-Barnawi, que se acredita ser um filho do fundador de Boko Haram.

Entretanto, o anúncio da aliança pode ser interpretado, não como uma demonstração de união e força, mas como um sinal de fraqueza de ambos os grupos, já que, na mesma época do ano, os dois vêm apresentando perda de influência na mídia e território. Portanto, um anúncio de aliança representaria uma cooperação ideológica e midiática, muito mais do que militar e estratégia em si. Ademais, a cooperação de armas e jihadistas seria muito complicada, devido à posição geográfica que os grupos ocupam, o que geraria um alto custo em recursos econômicos e logística e os benefícios poderiam não corresponder a altura.

Considerações Finais

Portanto, para se entender os reais motivos do surgimento do Boko Haram, devem-se elencar alguns fatores decisivos que possibilitaram o atual estado da Nigéria. Ou seja, a seguir serão apresentados quatro possíveis pilares que sustentem o desenvolvimento do grupo fundamentalista islâmico nigeriano, sendo que, salienta-se que tais pilares interagiram-se dentro do contexto histórico da Nigéria, levando ao surgimento do grupo.

Em primeiro lugar, o estado de pobreza e miséria da região que impediram o desenvolvimento do Norte Mulçumano, permanecendo tal localidade excluída dos lucros obtidos das jazidas de petróleo. Além da severa atuação do governo e seu sistema corrupto que levam a marginalização e constantes abusos de poder na região. Unido a isso, a radicalização do islamismo, já baseado nos preceitos safistas, que possibilitaram ao Boko Haram uma base ideológica de caráter fundamentalista. E também, a unificação ideologia do grupo, com o aparecimento de um líder como Yusuf, o qual, com suas próprias influências, preparou terreno para a radicalização do grupo.

Outro fator importante, mas que não recebe muita atenção são as mudanças climáticas, as quais geram o processo de desertificação da região nordeste da Nigéria, do Sahel, e a diminuição no nível das águas do lago Chad. Que sendo a região extremamente depende da agricultura familiar, a população encontrasse altamente vulnerável a tais alterações do clima. Mas, a questão que liga todos os pontos já mencionados, deve ser a atuação do exército

nigeriano em relação ao grupo. Pois, a cada ataque sofrido pelo Boko Haram vindo deste, o grupo radicalizava-se ainda mais e em certa medida, o contrario também mostrasse validos, os eventuais ataques realizados pelo Boko Haram só radicalizavam ainda mais os crimes cometidos pelo exército.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SMITH, Mike. **Inside Nigeria's Unholy War**. 2. ed. London: I.B.Taures & Co.Ltd, 2016.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COOK, David. **Boko Haram: a New Islamic State in Nigeria**. Disponível em: <<https://www.bakerinstitute.org/media/files/files/5f1f63c4/BI-pub-BokoHaram-121114.pdf>>. Acesso em: 03 Nov. 2017.
- SOUZA GALITO, Maria (2015). **Boko Haram**. CI-CPRI, AI, N.º 21, Janeiro, pp. 1-18. Disponível em: <http://www.ci-cpri.com/wp-content/uploads/2015/01/Boko-Haram-AI-21.pdf>. Acesso em: 03 Nov. 2017.
- FALODE, Adewunmi, **The Nature of Nigeria's Boko Haram War, 2010-2015: A Strategic Analysis** (March 1, 2016). Perspectives on Terrorism, Vol. 10, No 1, 2016. Disponível em: <<https://ssrn.com/abstract=2380234>> . Acesso em: 03.Nov. 2017.
- FALOLA, Toyin. **Violence in Nigeria: The Crisis of Religious Politics and Secular Ideologies**. New York: University of Rochester Press, 1998.
- AGBIBOA, D.E., (2013). **The Ongoing Campaign of Terror in Nigeria: Boko Haram versus the State**. Stability: International Journal of Security and Development. 2 (3), p.Art. 52. Disponível em: <<http://doi.org/10.5334/sta.cl>> .Acesso em: 03.Nov. 2017.
- VENTAS, Leire. **Que perigo traz a aliança entre Estado Islâmico e Boko Haram?** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/03/150317_boko_haram_ei_alianca_lgb>. Acesso em: 3 Nov. 2017.
- COOPER, Helene. **Boko Haram and ISIS are collaborating more, U.S Military says**. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2016/04/21/world/africa/boko-haram-and-isis-are-collaborating-more-us-military-says.html?_r=0>. Acesso em: 20 Nov. 2017.